



**MINISTÈRE  
DE L'ÉDUCATION  
NATIONALE,  
DE LA JEUNESSE  
ET DES SPORTS**

*Liberté  
Égalité  
Fraternité*

**Concours externe du Capes et Cafep-Capes**

**Section langues vivantes étrangères : portugais**

**Exemple de sujet pour l'épreuve écrite disciplinaire**

*À compter de la session 2022, les épreuves du concours externe du Capes et du Cafep-Capes sont modifiées. [L'arrêté du 25 janvier 2021](#), publié au journal officiel du 29 janvier 2021, fixe les modalités d'organisation du concours et décrit le nouveau schéma des épreuves.*

## **ÉPREUVE ECRITE DISCIPLINAIRE**

### **A/ COMPOSITION**

#### **AXE : Vivre entre générations**

À partir de l'axe indiqué, vous proposerez une problématique en vous fondant sur l'analyse et la mise en résonance des documents ci-dessous. Vous rendrez compte de votre réflexion en une composition structurée en langue portugaise.

### **B/ TRADUCTION**

Vous traduirez en français le document 1 de « Nada na casa da avó ... » (ligne 1) à « ... e fechou os olhos. » (ligne 24)

## Document 1

Nada na casa da avó pertencia ao presente. Tudo vinha de outro tempo, os móveis, os tapetes, as louças, até mesmo a luz encardida e gasta parecia vir de outro tempo. Brutal, disse a Inês, como se estivesse a ver a casa da avó pela primeira vez. Brutal. A avó deixou-se cair no sofá forrado com o tecido das flores. 5 Têm sido dias muito agitados, disse, como se falasse de dias em que tinham acontecido coisas boas. O Bardino pulou com a destreza dos felinos jovens para o colo da avó. Era um gato bonito, de pelo lustroso e encantadores olhos raiados de duas cores. A Inês sentou-se ao lado deles para lhes tirar fotografias com o telemóvel, os bigodes do gato contra o sol, as mãos da avó no dorso do Bardino, o pó feito ouro a bailar na luz. Não sei quantos passados a Inês compôs nas fotografias que tirou, mas terão sido muitos. Pousou o telemóvel, e recostou-se, puxando o Bardino para o seu colo, acusando-me e ao mesmo tempo provando que não era como eu. Faz-lhe uma festinha, vais ver como o pelo é macio, só uma 15 festinha, insistiu a Inês. A medo, aproximei a minha mão do Bardino, mas ainda nem lhe tinha tocado e já ele eriçava o pelo e mostrava as garras. Pressentira o meu medo, o meu desajeitamento, pressentira que eu não sabia lidar com ele, a mesma incapacidade que não me deixava lidar bem com a Inês, com a avó, com a vida. Fiquei de pé, sem saber como evitar que a minha pressa se tornasse uma agressão 20 para aqueles dois seres pachorrentos e sonolentos que tinham os olhos baixos, a avó no Bardino e a Inês no telemóvel. E do nada a Inês disse, Ontem jantei com o Nuno.

A avó não fazia ideia de quem era o Nuno, por isso não teria qualquer interesse naquela informação. Era, pois, a mim que a Inês queria dizer que jantara 25 com o Nuno, ainda que parecesse falar com a avó. Quando se calou, virou a cara para o sol e fechou os olhos. Não parou de fazer festas no dorso do Bardino, como se o gesto a embalasse. O Nuno, namorado da tua irmã, perguntei incrédula. Yahh, respondeu a Inês, deixando-se vencer pela moleza que lhe arrastava as palavras. Right on, esse mesmo. Mas tu não simpatizas com ele, nunca se deram bem, disse 30 eu, atordoada, relacionando a informação que a Inês acabara de me dar com a fotografia legendada que vira no Instagram dela, *quando tudo o que tu procuraste está debaixo do teu nariz*. Oh mãe, isso foi tipo há um milhão de anos.

Dulce Maria Cardoso, *Eliete*, 2018

## Document 2

### A avó, a cidade e o semáforo

Quando ouviu dizer que eu ia à cidade, Vovó Ndzima emitiu as maiores suspeitas:

– *E vai ficar em casa de quem?*

5 – *Fico no hotel, avó.*

– *Hotel? Mas é a casa de quem?*

Explicar, como? Ainda assim, ensaiei: de ninguém, ora. A velha fermentou nova desconfiança: uma casa de ninguém?

– *Ou melhor, avó: é de quem paga* – palavreei, para a tranquilizar.

10 Porém, só agravei – um lugar de quem paga? E que espíritos guardam uma casa como essa?

A mim me tinha cabido um prémio do Ministério. Eu tinha sido o melhor professor rural. E o prémio era visitar a grande cidade. Quando, em casa, anunciei a boa nova, a minha mais-velha não se impressionou com meu orgulho. E franziu a voz:

15 – *E, lá, quem lhe faz o prato?*

– *Um cozinheiro, avó.*

– *Como se chama esse cozinheiro?*

20 Ri, sem palavra. Mas, para ela, não havia riso, nem motivo. Cozinhar é o mais privado e arriscado acto. No alimento se coloca ternura ou ódio. Na panela se verte tempero ou veneno. Quem assegurava a pureza da peneira e do pilão? Como podia eu deixar essa tarefa, tão íntima, ficar em mão anónima? Nem pensar, nunca tal se viu, sujeitar-se a um cozinheiro de quem nem o rosto se conhece.

25 – *Cozinhar não é serviço, meu neto* – disse ela. – *Cozinhar é um modo de amar os outros.*

Ainda tentei desviar-me, ganhar uma distração. Mas as perguntas se somavam sem fim.

– *Lá, aquela gente tira água do poço?*

– *Ora, avó...*

30 – *Quero saber é se tiram todos do mesmo poço...*

Poço, fogueira, esteira: o assunto pedia muita explicação. E divaguei, longo e lento. Que aquilo, lá, tudo era de um outro fazer. Mas ela não arredou coração. Não ter família, lá na cidade, era coisa que não lhe cabia. A pessoa viaja é para ser esperado, do outro lado a mão de gente que é nossa, com nome e história. Como um laço que pede as duas pontas. Agora, eu dirigir-me para lugar incógnito onde se deslavavam os nomes! Para a avó, um país estrangeiro começa onde já não reconhecemos parente.

– *Vai deitar em cama que uma qualquer lençolou?*

40 Na aldeia era simples: todos dormiam despidos, enrolados numa capulana ou numa manta conforme os climas. Mas lá, na cidade, o dormente vai para o sono todo vestido. E isso minha avó achava de mais. Não é nus que somos vulneráveis. Vestidos é que somos visitados pelas valoyi e ficamos à disposição dos seus intentos. Foi quando ela pediu. Eu que levasse uma moça da aldeia para me arrumar os preceitos do viver.



### Document 3

O avô era a calma, o aconchego. Folheando o jornal sobre a mesa, ou sentados ambos à janela, ele levava-me mansamente a navegar pelo oceano da imaginação, desdobrando a cidade num universo. Mostrava as torres da sé, dizia-me para olhar bem, contava em sussurros, e eu sem custo distinguia em volta o acampamento dos cruzados que esperavam transporte para a Terra Santa. Via-os em algazarra a correr de lança erguida para a margem, mas subitamente o malabarismo do avô transformava as galés medievais nas caravelas das Descobertas, construídas ali perto nos estaleiros de Massarelos, e íamos nelas a caminho da Índia, sofrendo fome e doenças, naufrágios, até que apercebíamos aliviados uma costa toda de palmeiras, palácios e areia branca.

Tão depressa passeávamos pelas ruas de Goa ou de Calcutá, por entre gente vestida de sedas coloridas, admirando templos dourados, elefantes, tigres em jaulas, como já ele, virando as páginas do tempo e do espaço, nos punha a bordo do lugre de quatro mastros, que ancorado ali em frente dava impressão de que o poderíamos tocar, enorme, todo iluminado, à espera da enchente para ir de viagem.

*Icebergs*, pescadores solitários na imensidão do mar, auroras polares. Florestas tropicais e rios majestosos. Himalaias. Metrópoles. Exércitos. Castelos onde moravam reis tenebrosos como Ivan da Rússia, *o Terrível*, ou o nosso Pedro I, *o Cru*, que aos condenados mandava arrancar o coração pelas costas. A Grécia de Homero e Alexandre Magno, o Egipto dos faraós, as batalhas da Flandres... Maravilhoso caleidoscópio para o garotinho que pouco compreendendo absorvia tudo, e em cuja alma os nomes e os acontecimentos ficavam a ressoar em ecos simultaneamente íntimos e universais, tornando o mar alto, os monarcas, os animais, o nosso largo, a ponte sobre o rio, as fábricas, os carros de bois, num todo uno, eterno, belo e feliz. [...]

Anos seguidos antes do meu nascimento, recortara ele pontualmente do *Janeiro*, o seu jornal, uma série de obras sobre a vida e as guerras de Napoleão. E agora, entusiasmado, em vez de me deixar entregue aos brinquedos da minha idade, abria sobre a mesa da cozinha os tomos de folhetins que tinha feito encadernar.

Mandava-me que lesse e eu lia, mas depressa se me cansava o entendimento. Ele continuava então a leitura em voz alta e os meus sonhos, alimentados pela sonoridade da sua declamação e pelas gravuras de Gustave Doré, eram um encadeamento de batalhas e multidões em fuga, cidades a arder, marechais a cavalo, paradas vitoriosas, cenas da coroação.

J. Rentes de Carvalho, *Ernestina*, 2001

Document 4



José de Almada Negreiros, *Família*, 1940